

RESENHAS

CONHECER-TE A TI PRÓPRIO: SOCIOLOGIA E MILITÂNCIA EM *CRÔNICAS PEUGEOT*

Carla Regina Mota Alonso Diéguez¹

Resenha do livro: PIALOUX, Michel; COROUGE, Christian. *Crônicas Peugeot: resistência, solidariedades e respeito no local de trabalho*. Porto: Deriva Editores, 2013. Organização, tradução e posfácio de Bruno Monteiro.

Há pouco mais de 30 anos, Michel Pialoux² encontrou-se pela primeira vez com Christian Corouge. Christian, separado, desligado do Partido Comunista Francês duas vezes e recuperado de uma tentativa de suicídio, estava em Paris para uma reunião com a direção de pessoal da Peugeot³ como representante sindical da fábrica de Sochaux, com o objetivo de discutir as classificações dos operários especializados, considerados não-qualificados e localizados nas funções mais duras da cadeia de produção.

Corouge era a época um operário especializado da Peugeot em Sochaux. Conhecido de amigos de Pialoux, integrantes do grupo *Medvedkine*,⁴ Corouge teve a oportunidade de conversar com o sociólogo a respeito da vontade em escrever sobre a sua vida familiar, a vida na fábrica, sua relação com o militância e a “[...] percepção que tem do mundo social e da posição que nele ocupa” (PIALOUX, 2013, p. IV).

Foi então que surgiu a ideia de Pialoux em iniciar a coleta de depoimentos de Corouge que culminaram em “Chronique Peugeot”, conjunto de artigos assinados por Pialoux e Corouge e que inclui entrevistas feitas entre eles entre 1983 e 1985 publicados entre os anos de 1984 e 1985⁵ na *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, revista editada por Pierre Bourdieu.

¹ Docente e pesquisadora da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, é doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: carladieguez@gmail.com

² Michel Pialoux é pesquisador do Centro de Sociologia Europeia (CRNS), ao qual já estava ligado a época das entrevistas com Corouge.

³ Peugeot: indústria automobilística francesa. Comprou em 1975 a Citroen, tornando-se então PSA (Peugeot Société Anonyme). A fábrica de Sochaux contava a época da pesquisa de Michel Pialoux (início dos anos 1980) com cerca de 40 mil trabalhadores.

⁴ O grupo *Medvedkine* foi um coletivo de cineastas de cinema militante que juntamente com operários das regiões de Besançon e Sochaux produziram documentários entre os anos 1967 e 1974. Christian Corouge foi um dos operários participantes dos documentários na região de Sochaux.

⁵ Os artigos foram originalmente publicados nos seguintes números de *Actes de la Recherche en Science Sociales*: nº 52-53, jun. 1984, p.88-95; nº 54, set.1984, p.57-69; nº 57-58, jun.1985, p. 108-128; nº 60, nov.1985, p.72-74.

Na contramão dos estudos da época, nos quais a questão operária já não era mais central, Pialoux procurou entender “[...] as formas de viver a condição operária” em um momento em que o “[...] desencantamento já tomava conta do meio operário” (PIALOUX in TELLES ET AL, 2006, p. 17 e 16). As entrevistas com Corouge lhe permitiram entrar nesse mundo e, ainda mais, aprofundar-se nas diferenças, tensões, conflitos existentes entre os OS (operários especializados) e os OP (operários profissionais) e as chefias e supervisões em uma fábrica que viria, nos anos posteriores, a passar por profundas transformações, algumas já em curso no período de realização das entrevistas.

Foram quatro artigos publicados por Pialoux e Corouge que revelam a militância, a dureza do trabalho na fábrica, a construção da resistência e da solidariedade no chão de fábrica (a cultura da fábrica), mas também desvelam os problemas de ser militante e de tentar resistir ao controle do capital sobre o trabalho, de buscar formas de humanizar o trabalho – altamente desumanizado na fábrica, como bem mostram Pialoux e Corouge – e de procurar estabelecer o mínimo diálogo entre os colegas, buscando, assim, constituir um conhecimento político que possibilitaria aos operários um entendimento maior das condições que estavam expostos.

Mas como bem revelam as entrevistas, que são o grande trunfo desses artigos, não era preciso trabalho político, era preciso apenas deixar o operariado falar, ousar, criticar e resistir. As duras condições de trabalho aos quais estavam expostos os OS, constantemente relatadas por Corouge nas entrevistas, eram suficientes para criar um caldo de rebeldia entre os trabalhadores, que encontravam pequenas brechas para “burlar” as regras estabelecidas pelo controle da empresa e vender jornais, passar bebidas ou mesmo dormir 10 minutos por entre os forros dos bancos dos carros a serem estofados. Imperceptíveis e cobertos pelos demais trabalhadores, os OS constituíam uma cultura da fábrica, uma forma de viver a fábrica a partir do que ela tinha de pior e assim, conseguirem sobreviver a lida, a dureza, a insalubridade e a desumanidade típica de uma fábrica taylorista.

As entrevistas, contudo, não revelam apenas essas condições. Elas evidenciam a forma como se constrói um militante, um operário que em contato com a dura realidade a qual é submetido, ciente das diferenças entre os não qualificados e os qualificados, vê-se construindo uma trajetória política que não apenas interfere na vida na fábrica, mas em sua vida pessoal e que modifica a sua percepção do mundo social, as suas relações com a fábrica, com os colegas e com a família. Principalmente, as entrevistas mostram como o trabalho de Pialoux interfere na construção do papel social desse militante, que ao contar sua história repensa a sua vida política e a importância de seu papel no ambiente da fábrica, assim como a sua posição social e as suas perspectivas profissionais e pessoais.

Por esse motivo, em 1985, sem mais explicações, “Chronique Peugeot” não foram mais publicadas. Os artigos circulavam pela fábrica e eram lidos pela gestão de pessoal e também pelos colegas de Corouge, alimentando nele “[...] uma espécie de reflexão ininterrupta sobre o sentido do seu envolvimento militante e, além disso, sobre o sentido da sua obstinação de ficar em Sochaux e, mais amplamente, sobre o sentido da sua vida” (PIALOUX, 2013, p. VI). Assim, considerando os efeitos que isso poderia causar na vida de Corouge, Pialoux interrompeu a publicação.

Quase 30 anos depois da publicação do primeiro artigo, “Chronique Peugeot” ganhou uma organização em português. Traduzido por Bruno Monteiro, que também organiza e assina o posfácio da publicação, *Crônicas Peugeot: resistência, solidariedades e respeito no local de trabalho* traz uma introdução de Michel Pialoux, os quatro artigos publicados na *Actes*, uma seção de cartas e documentos e o posfácio de Bruno Monteiro.

A introdução nos conta a relação entre Pialoux e Corouge e em que momentos e condições as entrevistas foram realizadas. Pialoux ressalta a importância das mudanças na fábrica e na vida pessoal de Corouge para suas tomadas de posição no trabalho militante. Essas tomadas de posição podem ser vistas na parte dedicada aos artigos de *Actes*, que revelam a construção do militante. Ali estão o trabalho político, a crítica a CGT⁶ pelo distanciamento do trabalho de base, as duras condições de trabalho aos quais constantemente eram submetidos os OS, o controle da supervisão, as punições e o isolamento, no qual a direção da empresa buscava afastar Corouge dos demais trabalhadores, impedindo assim seu trabalho militante.

As entrevistas revelam como os trabalhadores enfrentavam um período fundamental para a reestruturação da economia européia. A crise econômica da década de 1970 modificou o processo produtivo. As linhas de produção, assim chamadas no novo discurso gerencial, procuravam diminuir o número de operários, ao mesmo tempo em que procuravam renovar suas fileiras com trabalhadores pouco socializados na “cultura da fábrica”. Assim os operários da Peugeot-Sochaux não vivenciavam apenas as durezas do processo de trabalho e as constantes ameaças dos supervisores (as quais podem ser constatadas nos documentos contidos na terceira parte do livro), mas a época também surgia a ameaça do desemprego e da obsolescência.

É este o momento que *Crônicas Peugeot* nos traz. Ali temos um corpus documental importante para pensar a classe operária das décadas de 1970 e 1980, a sua formação sob o signo do taylorismo e as transformações provindas do modelo toyotista. Só isso já bastaria para conferir tamanha relevância a obra. Contudo, completa-se com o posfácio de Bruno

⁶ CGT: Confederação Geral do Trabalho

Monteiro, que então faz aquilo que Pialoux procurou não fazer: evidenciar o discurso sociológico presente na fala de Corouge. Bruno Monteiro faz isso com maestria, mas consideramos que o livro poderia ter terminado nos documentos.

Os textos de Pialoux e Corouge nos possibilitam entender a fábrica, os seus trabalhadores e suas formas de resistência pelo discurso do trabalhador e pelo olhar de um sociólogo ávido por entender o meio operário, pouco interferindo na nossa leitura e nos deixando, a partir de nossas referências e dos sentimentos suscitados pelo texto (esse muitas vezes carregado de todos os tipos de emoções), chegar as nossas reflexões.

Assim, o posfácio de Bruno Monteiro cumpre com uma função que consideramos não ser desejada nem por Pialoux e nem por Corouge. Ambos queriam que os leitores buscassem embarcar naquela história densa, profunda e cheia de emoções e dali pudessem repensar então a sua posição política e social.

É assim que devemos ler *Crônicas Peugeot*. Não como sociólogos que buscam as relações entre condições de trabalho e produção do discurso militante ou de produção da consciência operária a partir das relações de produção. Devemos lê-lo sob a perspectiva de entender como somos afetados por nós mesmos, pelos outros e pelas nossas condições de vida; como nossas pesquisas são pontos de reflexão para nossos entrevistados e como elas não apenas os afetam, mas a nós mesmos e como o nosso trabalho é uma constante construção de autoconhecimento e reconhecimento.

Um trabalho sociológico de longo curso deste tipo conduz também o investigado a reflectir sobre os efeitos sociais que a sua pesquisa produz sobre os investigados. Ele é conduzido a tomar precauções particulares, nomeadamente para integrar os investigados na análise das suas práticas, bem como na publicação dos resultados. Em certos casos, ele deve aceitar não publicar ou diferir uma publicação para que ela não perturbe a vida da pessoa investigada (PIALOUX, 2013, p. XIV).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PIALOUX, Michel. Introdução. In: PIALOUX, Michel; COROUGE, Christian. *Crônicas Peugeot: resistência, solidariedade e respeito no local de trabalho*. Porto: Deriva Editores, 2013. Organização, tradução e posfácio de Bruno Monteiro. P.III-XIV

_____; COROUGE, Christian. *Crônicas Peugeot: resistência, solidariedades e respeito no local de trabalho*. Porto: Deriva Editores, 2013. Organização, tradução e posfácio de Bruno Monteiro.

TELLES, Vera *et al.* . Entrevista com Michel Pialoux e Stéphane Beaud. *Tempo Social*, São Paulo, v. 18, n. 1, jun. 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000100002&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 13/04/2014.